

# GADO DO SENHOR



# GADO DO SENHOR

## Rosa Alice Branco



Capa de Luís Henriques

**&etc**

2011

GADO DO SENHOR  
de ROSA ALICE BRANCO

© da Autora

é uma edição & etc  
produzida por Edições Culturais do Subterrâneo, Lda.

Rua da Emenda, 30, sub. 3;  
1200-170 Lisboa; telef. 21 347 19 55

capa:  
LUÍS HENRIQUES

*ao meu filho Hugo  
que também*



*«L'homme est une maladie mortelle de l'animal.»*  
Alexandre Kojève





## OFÍCIOS DO MUNDO

Pias são as vacas  
aspirando o chão com as manchas brancas  
enquanto as negras erguem para o céu  
um olhar bovino por cima da casa  
onde o pasto secou há muito  
nos corações dos homens.  
Só a vara lhes cabe na mão.  
Ofício do mundo. Contar os minutos quilo a quilo.  
Fazedores de carne, do livro de contas,  
que contarão ao Senhor  
no altar do sacrifício  
que ele não saiba ou tenha sido?  
No fim da noite bebem o vinho sagrado  
de fato sombrio e rosto encoberto  
pela lua. Cá fora trocam-se “mus”:  
mantras de amor sob as estrelas.  
Senhor, de quanta compaixão precisas  
para apadrinhares o churrasco de domingo?

## MENOS RAZÕES QUE AVES: IRAQUE

A rota das aves. Essas manhãs em que levantava a cabeça e elas passavam rente à infância. Passeavam no céu como eu passeava cá em baixo. Sem rua e passeios apinhados na respiração por um segredo dentro do ouvido. Um tremor, quase a consciência de ter corpo. Em bando, mais gente que segredos. Talvez seja por isso que pousam nos telhados vazios. É o caminho que as escolhe. Há mais coisas a dizer entre o quê e o quem. Por exemplo, as aves têm rotas que a guerra desconhece. Previsível colisão com aviões este ano (pensa ela), este país em sangue no bico das aves. Elas passavam. Ficam os comboios, os apeadeiros, o borbulhar de passos que se afastam das aves. Era o corpo que exigia outros mapas, linhas sinuosas ou beijos. As manhãs agora fazem perguntas, por exemplo, quem escolhe uma morte para seguir a rota dos outros. Sempre uma pergunta sobre o lucro. Conclui-se que há menos razões que aves nos telhados solitários. Há menos, mas mais sangue.

## CARÍCIA DIVINA

Cordeiro do Senhor nunca queiras escravo.  
A lua como uma hóstia branca  
ilumina o meu corpo a deslizar no teu.  
Porque deus é amor e nós fiéis.  
Porque nos fez com uma carícia  
assim te acaricio e me cobres  
de felicidade pela noite dentro.  
Bendito seja quem assim ama.  
Livrai-nos Senhor de todos os cordeiros  
e dai-nos um ao outro cada dia.

## VIOLAÇÃO E FUGA

Cada coisa a seu tempo. É o que parece  
quando olhamos o campo escurecer.  
Por um momento as flores cintilam mais  
que o meio-dia. É sempre assim antes da morte.  
No ar formas vagas de aves, testemunhos passageiros.  
Alguns insectos esmagados, a erva horizontal. Húmida  
como se tivesse chovido. Quem conduz sabe que os gritos  
correm mais depressa que as palavras. Sem faróis no escuro  
da garganta. Senhor, o teu cordeiro foi tosquiado,  
a lâ rasgada pelo chão como sementes.  
Para que manto envergarás este dia? Era quase noite,  
quase tempo. A roupa arrancada à pressa.  
É este o trigo da tua colheita?

## O CÃO QUE ME TINHA

Eu tive um cão ou era ele  
que me tinha e me deixava à solta  
guiada sem saber que ia.  
Tomava as minhas feridas,  
a tristeza que eu pudesse ter  
e sofria dela como eu nem sofria.  
Trocava de mal trocando-lhe as voltas.  
Punha a coleira ao pescoço  
e levava-me a passear  
como se eu fosse o dono.  
E à noite dormia no chão  
ou então fingia. Eu acordava  
com um servo aos pés da cama,  
armava-me em amo  
e era ele que me tinha.  
Exímio no silêncio  
e no uso das armas  
com que me defendia  
de todos e também de mim:  
a linha veloz do pêlo luzidio,  
o frémito da língua,  
o focinho em arco para a escuta.  
Era um cão que me tinha  
e uma tarde de verão  
atirei-lhe um osso gostoso  
antes de o deixar no canil.

## A SONO SOLTO

Por esse tempo veio Ele à terra.  
Estávamos ofegantes de mil acrobacias  
com a fogueira a ecoar gemidos.  
Caímos no sono  
e nem percebemos se o parto foi normal.  
Mas o nosso bafo transformou o mundo  
e fizeram de nós ídolos de barro.  
Posso jurar que na última ceia  
não estivemos ao lado ou à direita  
de quem quer que fosse. Não omitimos  
ou negámos. Nem sequer matámos  
a nossa sede. Tão pouco soubemos  
e ninguém nos disse. Era já tarde  
quando acordámos nesse dia.  
E quem podia saber que ainda é tarde?

## PARÁBOLA DOS TALENTOS

O que fizeste dos teus talentos?  
Arrumei a roupa no armário,  
pus canela no dorso do peixe,  
deixei-me ficar à mesa depois do almoço  
à conversa com a família.  
O meu pai afunda-se na memória  
que lhe nega o leito.  
Mas duplicou e acariciou sempre os talentos  
com os dedos febris e todos os minutos.  
Passeio de rua em rua,  
as árvores vertem-se no alcatrão.  
Mais cedo ou mais tarde as folhas  
acabarão por ser varridas do passeio.  
Chamemos vento a esta desapareição.  
Continuemos a dar nomes a tudo  
o que perdemos em nome das palavras.

O que fizeste?  
Passeei e esqueci-me.  
Fui buscar a minha mãe a um sítio qualquer.  
Entrou no carro: um apeadeiro  
para entrar na minha infância  
com a porta travada.  
A água do mar corre pela sala  
e quando a maré enche  
deslizo pelo corredor até à cama.

As gaivotas mantêm-se à distância  
porque eu não sou um peixe ofegante  
nesta cidade que desabriga.

O que fizeste dos teus talentos?  
Ao domingo os bancos estão fechados  
e eu não tenho pá.  
E tu, que fizeste dos talentos da tua mãe  
quando a dor lhe sofria o chão  
que rastejaste até ao calvário?  
Todos os dias ela pergunta:  
Estás morto?  
E eu digo: levanta-te,  
ainda não acabaste os teus talentos:  
estamos todos podres  
e só duplicámos as dúvidas.



## CAMINHOS QUE NÃO LEVAM A NADA

São peritos no amor. Um homem apita sem parar  
no meio da bicha. Morrer de impaciência  
é uma das maneiras de não morrer sozinho.  
Morrer contra todos os que estão à frente.  
Solidário com os de trás, na mesma ignorância  
com que se nasce. Há uma capela do lado esquerdo.  
Logo de manhã antes dos automóveis.  
Um homem confessa-se e será perdoado.  
Há sempre alguém para nos conduzir.  
Pregar o amor nas veredas estreitas da alma.  
Mas se desatentos a quem nos estende a mão  
pode um prego entrar na pele  
e só terás a salvação de nos salvar.  
A bicha aumenta. O cruzamento entupido  
pela extensão da tua cruz.

## TERRA VERTIDA ONDE MENOS

Estamos de passagem mas em caso algum esqueceremos o orvalho (o rosto dela húmido de luz). Os nossos poros ossificaram o sangue, é o que a terra diz:  
— o alcatrão não é o meu vestido de luto, mas a pele irrespirável da minha carne. Agora quem vai querê-la por noiva? As grinaldas estão cheias de poeira e a marcha nupcial desafina as estrelas. O sol feito de gasolina na nossa pele de verão apodrece depressa nas rugas. Ainda ris por entre as frestas negras e deixas entrever outro destino nas folhas de chá. Mesmo assim o teu cadáver é belo entre as flores do campo que resta e o fumo dos incêndios que te cinzam. O orvalho é uma palavra dócil (pensa ela). Às primeiras horas quando os despojos quedam invisíveis ainda me extasias como uma princesa a florar a erecção inicial antes da radiografia pulmonar. Terra, é por nós que choramos quando te morremos?

## SABOTAGEM FERIDA

De toda a parte tropeçam no vermelho.  
É sempre a mesma cor,  
sempre a escorrer do mesmo modo.  
Às vezes é por dentro das entranhas  
que o vermelho tinge.  
O coro de feridas está afinado.  
Domingo é comunhão solene com vermelho  
para toda a gente.  
Apertamos as mãos contra a barriga  
a segurar o ruído do corpo  
ao bater no chão. Oiço o teu balido  
e rolo alegremente nos lençóis.  
Não me cabe sabotar a vida (pensa ela)  
porque tudo isto existe ao mesmo tempo  
e vem açoitá-lo nos teus lábios.

## ANIMAIS DA TERRA

O caracol avança tenazmente  
para que o tempo erga o seu império com o visco  
que alastra pelo solo. E se nasce uma árvore,  
é pela resina que a morte se infiltra  
na candura dos animais, na sua sombra.  
Eles ignoram que as antenas do caracol  
prevêm cada naufrágio antes do nevoeiro  
sobrevoar as ilhas e morrem com os olhos,  
o corpo ainda a contorcer-se nos ramos.  
Os animais vêm para dentro.  
Vivem até ao último coágulo e depois a seiva  
da árvore esbanja-se sob o manto da terra  
a animar as partículas ínfimas em que se tornaram.  
As almas descem. É por isso que o mundo não acaba.

## RECEITUÁRIO PARA AS ALMAS

Mesmo se (como ela hesita)  
a morte é falsa e tu te levantasses  
era preciso desenhar o caminho de volta.  
Apagar as margens. Perguntas-me se o amor  
pode este desalinho. Crer é difícil e  
mais ainda é não acreditar. Estreito o caminho  
que inventamos para nos perdermos. Ela sabe  
como são altos os muros da salvação.  
É só isto que sabemos? Custa mais aceitarmos  
a ignorância do que um muro? Se a morte é falsa  
deixa-te estar deitado. Tens um lençol de terra  
e não precisas de acreditar em nada. Não é com desespero  
que to peço. É mesmo por não valer a pena. Pelo menos  
nas noites frias esfregamos os ossos um no outro,  
e ficamos a ver as estrelas a chispar em nós.

## RISO SOBRE A ERVA

Inspiramos lentamente,  
e o ar brinca-nos no corpo  
sem pressa de vir juntar-se ao ar  
cá fora. Ensinaram-nos  
a ruminar o vazio e por isso entramos  
um no outro, nós que nunca fomos matéria  
e a esta escala a velocidade da luz  
é irrelevante para o infinito.  
Temos os ouvidos cheios dos gritos  
dos pregos a perfurarem o silêncio  
das tuas mãos. Se não te salvas  
da tua própria morte, ainda que sejas  
também deus, se morres em nosso nome  
e continuas a morrer de nós, só nos resta  
celebrar a vida. Vem amor, tens um riso  
calcado sobre a erva e o teu peso  
atravessa-me o corpo: eterno sofredor  
no chão de tamanha alegria.

## DIA DOS MORTOS

Todos os caminhos vão dar ao mesmo.  
Escolho um número e uma árvore  
e se está sol sento-me na pedra:  
tudo depende da resposta que se espera.  
A invasão neste dia é como dizer: morreste.  
Não é tanto estar morto que faz mal,  
é estar do outro lado com tanta terra entre nós  
e eles saberem hoje que somos mortais.  
Aqueles que amam ainda mais ferozmente  
do que os vivos — porque são alheios  
a tudo o que fazemos —, esperam uma vez por ano  
flores iguais a nós, arrancadas à vida,  
frescas por uns dias. Quando pendem os caules,  
sabem que estamos perto,  
que entramos pelos poros da terra até ao fundo  
à procura deles. E não sei se podem suportar  
mais esta dor dentro do frio fora de nós.

## TROCAR DE SANGUE

Os altares do sacrifício estão sempre acesos.  
Somos o teu gado, Senhor.  
Às vezes ordenas que suspendamos a mão sobre o filho.  
A faca no ar perdeu o peso?  
Agradecemos esta vez como se fosse sempre  
mas deixamos o gume apontado ao coração dos homens.  
Troca-se filho por cordeiro, troca-se de sangue  
como se troca a camisa.  
Um homem está sentado à porta da taverna  
entre o vinho e sol. Tem os dentes podres  
cheios de buracos. A respiração passa pelas gengivas.  
Também elas em sangue e vinho.



## CAIXA DE AFORRO

Sigo os números que conduzem a ti.  
O rosário dos ossos desfia este amor  
que não cabe nas mãos. A carne é fraca,  
a madeira porosa e tudo o que respiro te consome.  
Fecho os olhos e os teus passos tocam de novo  
o chão da casa. Mas as tábuas já não rangem  
e começo a compor as flores a teu pés.  
Continuo a falar em pés como quando te espreguiçavas  
no meu sono, mas agora dormes até tarde  
e só acordas em mim nas coisas que fizemos.  
Rimos delas, ali na laje clara deitada entre tu e eu.  
Quando saio de nós as pessoas olham com estranheza  
o meu sorriso e percebo que anoiteceram por dentro,  
que os ouvidos não ouvem o remexer da terra  
e os dedos deixam cair as sementes.  
Vêm com baldes e vassouras branquear a morte  
e dão-lhe toda a tristeza que pouparam  
para hoje. Alguns são avaros até às lágrimas  
e deitam-se em gemidos desde que se lembram.  
Quando o luar entra em jorros pelas janelas  
dizem que é só mais uma morte do sol,  
o reflexo alumiando os vermes dentro da cova.

## ÁGUA MOLE EM PEDRA DURA

Somos apenas o universo  
como ele nos é. À noite cato estrelas  
no teu corpo e as carícias que me vestem  
são cúmplices da água.  
Mastigamos o solo na erva que nos pasta  
e espalhas sobre mim gotas de mar.  
Como água em rocha, flexível e exacta,  
entras na minha pele, maré a encher.  
Só temos asas porque temos corpo.  
Anjos de nós, é rés do solo que  
a música nos despe nas alturas. Tão ágeis  
como figuras do Kamasutra.

## AS VESPAS DE PALERMO

A virgem sorri-me com boca de mosaico,  
os meus olhos mergulham nos arabescos do chão,  
geometria do sol descendo as ruas de Palermo.  
Insectos aceleram bzz bzz até nas passadeiras  
e Cristo impávido na igreja em frente.  
Mas Cristo não atravessa as ruas:  
está um pouco acima da cruz, um pouco antes.  
Os anjos abandonam a escuridão do templo.  
As vespas parecem pirilampos  
e bzz bzz são as asas dos anjos  
conversando sobre os turistas do dia.  
O bzz bzz das vespas cá em baixo é de encontros  
na noite de Palermo. Assentos tão etéreos  
com um copo na mão, a outra na cintura  
e nos punhos das vespas, vespas, vespas  
atordoando o riso, o beijo passageiro.  
E já os anjos estão a postos na sua nudez redonda  
enquanto as vespas dormem um sonho de alcatrão.  
A ceia prepara-se. Cristo não nega o seu lugar à mesa.  
Entre um bzz bzz e outro, olho-te no b barroco ou bizantino  
e não aceito a tua morte, tu que atravessas acima das vespas,  
vespas, vespas, acima do Etna que sobe ao céu  
enquanto dentro se cozinham os infernos: a tua ceia,  
os restos que deixaste para nós no microondas.

## MENOS UM

Cada dia tens menos um cabelo,  
um sapato e a mão para o calçar.  
Foste colhendo a tua morte  
e deitas-te para que a noite continue  
o que sequer começaste.  
Cada dia tens menos um coração,  
menos uma noite. Ainda te restam  
umas piadas que outros já disseram,  
um copo de esquecimento, uma ou outra  
opinião. O fundo da garrafa que beberam  
por ti. Resta-te a ignorância de que tudo isto  
foi obra tua. Menos uma boca, uma criança  
alada. Menos uma cidade onde as preces  
se colam ao vazio. Os teus passos presos  
ao chão são menos o olhar que a manhã  
oferece. A mão que te resta está fechada.  
A alegria projecta sombra na parede dos teus dedos.  
O que sobra de ti não enche o caixote de lixo.

## SÓ OS GATOS

Hoje os gatos não comeram.  
Foram-se juntando aos poucos no telhado  
e nem a chuva os fez abrir a língua.  
Nem a água desaguou a voz, ou os gatos miaram.  
Aquelas passadas que só os gatos sabem  
afastaram-nos das palavras incisivas em mármore  
ou no granito deitado. Do plástico florido.  
Das flores que a ausência perpetua.  
Hoje as campas estão silenciosas  
e os gatos com as garras espalmadas contra as telhas,  
com o olhar que só os gatos olham,  
não sabem ainda se perderam a fé na vida  
ou mais na morte. Sentem um nó  
inominado na garganta como todos nós.  
No cimo do telhado dizem não ao céu.  
Querem afirmá-lo de perto.

## MORE IS LESS

Cada dia temos mais mortos.  
Ou são eles que nos têm,  
que nos prendem ao chão pelos cabelos.  
Se temos frio, estremecem  
e saciam quando bebemos.  
Somos a sombra em redor do copo  
e quase as mãos que rodam nas palavras.  
Apanham-nos pela nuca. É assim que respiram  
aos ouvidos. E nós levados pelo canto da sereia  
nem suspeitamos que vamos servindo a morte.  
Infestados pelo medo: uma carta, um murmúrio,  
dias de festa, esses lugares de tristeza onde se ri por dantes.  
E se tudo isto for o resumo da nossa história?  
Falta ainda o tempo em que morrer é o menor dos males.  
Quando se poupa em tudo o que se faz. Algum esbanjamento  
é permitido como se fosse o último cigarro. A morte  
é a soma dos juro dos bens que nos negaram.

## A PRETO E BRANCO

Zebrar em pleno coração. O médico falou  
em pericárdio, mas os médicos são gente periférica.  
O riscado é interdito no céu. As nuvens são zebras  
todas brancas, zebranjos lívidos de medo  
sem terra que os salve. Subitamente da vertical  
ao peito horizontal na passadeira  
como dois círculos a interceptar as riscas.  
Zebrar é um desporto que não quero correr. Senhor,  
ergue o asfalto para que o teu povo atravesse:  
os viadutos são as novas catedrais  
e nós os fieis do alcatrão. Em cada três segundos  
alguém zebra ou fica ferido. Somos todos  
funcionários do medo. Por outras razões.

## *SUB SPECIE ÆTERNITATIS*

*ao Carlos*

De manhã o lençol estava no chão.  
Eis o requisito de uma poesia solar: os cabelos  
espalhados pelo teu ombro e os meus dedos  
batendo no teclado: “terra”, “luz”, “manhã clara  
entrando pelo quarto”. Revelo assim que o mundo  
se translada para o interior da casa. Que a tua boca  
determina a claridade da terra no movimento rápido  
dos dedos. Não encontro a palavra “morte” no poema  
e no entanto a ela me obrigo. Porque deus ordena  
que domine sobre os peixes e as aves, sobre os animais  
que se movem nesta mesma terra onde a cama se torna centro.  
Senhor, queria eu multiplicar-me de outro modo.  
Encher a terra sem pisar o pássaro, ou escamar o peixe.  
Ordenas-me que goste das sardinhas sobre o prato.  
Aí, sei eu que têm alma e ferro e muito mais.  
Mas quem somos nós todos? E um a um?  
Ninguém responde. Repetimos as mesmas perguntas  
e a isso chamamos “vida”. Manhã de nevoeiro absolutamente solar  
na tua cama. As aves e os outros animais  
já não escrevem poemas nos lençóis.  
Só se multiplicam cada vez, cada vez mais em aviário.



## PROVA DA EXISTÊNCIA DA ALMA

Deixaste a ressurreição a meio.  
Não me lembro de nada tão incompleto como ela.  
O meu director fala de objectivos, fazemos mapas  
e somos despedidos se. Ou temos prémios  
e corrupção. Haja alguma arte em tudo isto.  
Senhor, o teu corpo está seco na gaveta.  
Estás no meio de nós coberto de bolor.  
Nas palavras de São Paulo a criação teve parto e dores  
em relação. Um prelúdio, sabemos hoje, prelúdio  
sem mais nada. Os animais não aspiram à eternidade.  
Nisto devia consistir a alma que lhes foi negada.  
Por menos despediria eu um empregado.  
O meu cão brinca a que eu sou o cão dele.  
Atira-me um osso e corro atrás, todos corremos atrás.  
Mas é assim que se sobe na vida porque aspiramos.  
Prova provada de que temos alma.

## PORCELANA IMACULADA

Ovo quente, porcelana branca, colher  
ao lado. Golpe seco, a clara mole  
e a gema a escorrer. Ovo de bolso,  
3 minutos e uma galinha que durou pouco mais.  
Pintainhos na trituradora e as fêmeas  
crescendo para os ovos estrelados,  
os bolos e as delícias conventuais.  
Pior que favela: sem armas ou droga  
para uma *overdose* antes do espaço ser menor  
que o tamanho do corpo. Nas favelas sempre se  
tem alcinha e muita raiva. E manha para fugir ao medo.  
Aqui é o número dos ovos que nos conta os dias.  
Um homem senta-se na mesa em frente  
ao meu último ovo. Lê o jornal e nada.  
A empregada prepara outro, quentinho.  
Se calhar eu podia ter vivido menos um ovo  
ou dois. Tido um nome por um dia, um nome  
estilhaçado dentro da porcelana branca. Por esse dia  
de mentira talvez acreditasse em ti, Senhor.

## STRIPTEASE (CARTAGENA)

Cidades deitadas umas sobre as outras.  
O peso pode ser insuportável. Comemos relva  
do dia sobre as camadas que se vão despindo  
lentamente, a malha urbana dos cinco apelos  
para a prece, e cinco sob os cinco de outra era.  
Mais abaixo escavam agora gritos lancinantes  
mesmo ao centro do anfiteatro romano.  
Animais carnívoros perfuram o solo  
até às raízes. Tenho de respirar  
um pouco nos teus olhos e acreditar que podes despir-me  
da verdade soterrada há tantos séculos sob a arena.  
Foi aqui que os leões nos lamberam as feridas  
mas ninguém bateu palmas.  
Só batiam os pés no chão em algazarra  
para que os devorássemos. Mas somos  
palhaços herbívoros e mesmo a erva  
dói a entrar no coração.

## À BEIRA DA JANELA

*ao Carlos*

O pássaro amarelo morreu hoje,  
mas não cheguei a vê-lo, ou à gaiola.  
Ainda de manhã arfava pelo bico e era eu  
quem piava como se pudesse saber em que língua  
sofria. O Carlos fez-me chá e afagou-me a tristeza.  
O amarelinho morreu só, mas há outra maneira de morrer?  
Tudo fica de fora dos que morrem. Eles sabem que partem  
sozinhos, e não saber mais nada é o nome próprio dos confins  
do medo. Para não falar no sofrimento quase póstumo  
em que se agarram à vida a troco de nada.  
Foi assim que nos fizeste. Ofereceste a pior ignorância  
e o saber mais certo. O pássaro amarelo  
soube incertamente qualquer coisa e debateu-se  
contra a voz insistente que o chamava.  
Era do Carlos o amarelinho. Mas foi ele  
quem escondeu o pássaro, a gaiola branca  
e o lugar vazio à beira da janela.  
Quem me pôs o chá no tabuleiro e me sorriu à boca.  
Quem me deu a boca e me embalou nos braços.  
Talvez a morte do amarelinho nos salve. E a nossa morte  
salve mais alguém. Mas salve de quê, em nome de deus?  
Gostava tanto de saber do que estou a falar,  
do que andamos todos a falar há séculos.  
E muitos acreditam piamente e piamente sofrem.  
E outros fazem sofrer e assim dizes Tu eternamente: ámen.

Dias depois o Carlos contou-me que tinha enterrado o pássaro no quintal da mãe. Mas nessa tarde e sem morrer salvou-me com o mesmo amor que nos morreste.

## SEU A SEU DONO

A pele espera nas coisas a carícia do uso  
como o cão anseia pelo dono.  
O bordo do copo, os dentes do garfo.  
Usurpar os lábios entreabertos  
com a alma útil e desinteressada.  
Um gole de. Faz-se tarde.  
O vinho faz esquecer a pele do copo.  
Porque tocar (pensa ela)  
é uma confiança nocturna.  
Lá fora as flores. As sebes.  
O ressumar de amantes no cálice.  
Toco-te com mãos alheias:  
eis toda a confiança de que sou capaz.  
Um vestido de seda a abrir na minha perna:  
um osso para te fazer correr:  
um ganido de amor à porta do prédio.

## DECOMPOSIÇÃO DAS ALMAS

A eternidade começa na decomposição pessoal.  
Quando era pequena as galinhas que passavam  
sem cabeça pareciam dirigir-se a qualquer lado.  
Iam apressadas na ignorância de que as galinhas mortas  
estão fora do tempo porque a eternidade  
só decompõe a alma. Sacrificam-nas pelo pescoço  
e o sangue espalhado guarda-se numa bacia.  
Não se serve em cálice, que as galinhas não são crucificadas.  
Mas graças a ti todos os dias ressuscitam no aviário.  
Tal como tu, Senhor, elas também não ocupam espaço.

## A ALMA NA BOCA DOS ANIMAIS

Não olhem para trás a vida igual à morte.  
A digestão dos sonhos é mais lenta do que  
o destino final. Em qualquer língua o verbo ser  
acaba sempre no matadouro. Vem depressa  
beber o cálice sagrado. Escolhi um vinho e tanto  
para a noite. Depois dispo-te a pele enquanto dizes:  
toma-me, este é o meu corpo: eu sou  
o meu corpo a caminho do teu. Não há enterro  
que a carne e útil e a alma apodreceu na boca  
dos animais. A substancia imaculada da historia  
transmuta-se em matéria para gozo dos eleitos.



## ARCA DE NOÉ

Mulher, vira-te de novo para trás.  
É melhor desfazeres-te em sal do que casar  
de sete em sete anos por engano,  
morrer ou matar por comida  
e ouro negro,  
torturar-se porque se descrê  
ou ficar à espera de ser alimentado lá em cima.  
Ter de sentir a *mea culpa* que nos ensinaram.  
*Mea maxima culpa.*  
Tu mesmo te perguntaste porque nos fizeste  
e te arrependeste.  
Mas não o suficiente, não a máxima culpa.  
Foi brutal teres afogado tanta gente,  
mas salvaste alguns que se reproduziram.  
E depois outros mataram com gás  
e muitos fuzilaram.  
Mas só tu mataste por bondade divina,  
e semeaste tanta convicção nos homens  
que a fé ainda move as montanhas  
onde as minas crucificam como pregos.  
Ó Pai exemplar: o teu ensinamento  
começa em casa e o estertor  
do teu filho não tem fim.

## CRESCEI E MULTIPLICAIVOS

Hoje é dia de arraial.  
Esses arraiais de fim de verão  
em que todos bebem e ninguém é feliz.  
Não tarda que a aldeia aproxime a faca,  
as panelas fervam  
e eu exale a minha carne tenra  
ensanguentada: a minha carne engordada  
para este ou outro dia.  
Pode uma vida ser só  
a preparação para um banquete  
ou a refeição mais banal da casa?  
Ter fé em deus é saber  
que nada é padecido em vão:  
um uivo de tristeza,  
um zumbido de dor,  
um cacarejar de medo:  
porque deus é bondade  
pelo servo mais pequeno e pelo infinito.  
Afinal ter fé é só acreditar que seja fácil  
a digestão da minha alma.  
Quanto ao corpo, só espero que o galo  
venha depressa comer-me.  
Uma foda sempre faz esquecer  
por uns minutos a música da morte.

## A LÓGICA PODE SER UMA MADALENA

A está convicto que P.  
Que em todos os mundos  
(pensa A) seria sempre P o mesmo P  
amável e capaz  
solícito e ligeiro.  
A convicção de A povoa os possíveis de  
lealdade e carícias  
e um sexo fabuloso.  
Como se falássemos de uma certeza qualquer  
inabalável e simples:  
A saboreia o pão  
que se vai entranhando na boca  
até desaparecer  
um pouco antes do sabor,  
embora nada disto seja certo  
e nunca inabalável  
a persistência imaginária do sabor  
pode afectar a memória e a literatura.  
A está convicto que P:  
o cheiro inconfundível,  
as sementes de sésamo,  
um pouco de canela.  
A podia ser Proust  
ou uma mulher apaixonada  
e P uma madalena  
ou o homem que viu de relance A

(o rosto de A)  
quando ela ainda não estava convicta de P  
mas já atravessava o mundo actual  
com o coração ofegante:  
uma válvula completamente subjugada  
pelo futuro  
olhando no rosto do outro  
não matará  
não matará.  
O cheiro da madalena passa das narinas ao coração  
depois de 7 volumes.  
P já não olha A há 6 volumes  
e Q entra no silogismo  
escondida num quarto de hotel.  
A convicção atravessa o mundo actual  
sem saber que tem os dias contados.

## VIA SACRA

A semente estende os braços sob a terra  
e nasce para a luz, o olhar atento  
até aos ramos. Doçura do verde  
que o calor matura: é grávida de sede  
que concebes fruto.  
Imaculado seja o manto  
da tua sombra. Que assim seja  
enquanto o tronco espessa  
ano a ano  
contra o calor  
contra o frio que te despoja  
das vestes  
e te fustiga nua.  
Tremes na ignorância  
de que o teu corpo é a tua e nossa cruz  
destinada antes de sempre  
para todo o sempre.  
Quando o machado desfere o primeiro golpe  
olhas ainda a casa plantada até ao tecto  
a que deste sombra.  
Vês o fogo aceso,  
a mesa posta,  
o vermelho do vinho em cada copo.  
Tu, nascida da semente sem pecado,  
alheia ao sacrifício,  
inocente de todos os males,

temente ao sol e à chuva,  
ao capricho do vento,  
a tua seiva goteja para o chão  
e no padecimento da carne murmuras:  
Pai, afasta de mim este cálice.  
Árvore santa dolorosa  
golpe a golpe se esvai o teu corpo,  
a seiva alastra pelo solo  
e gritas angustiada: Pai,  
porque me abandonaste?  
Mas ninguém responde,  
ninguém te ressuscita.  
Tão pouco sabes que a alma é um luxo humano,  
que não és tu sentada à direita  
de deus pai e que o teu reino já teve fim.  
Como vês, a crença Nele é fervorosa e grande:  
a medida exacta da nossa miséria.

## SEM LIVRO DE RECLAMAÇÕES

No princípio era o verbo  
e agora ninguém responde.  
O marido, a amante, a família e os amigos,  
todos alinhados sobre as campas.  
Começam pela oração ou o correspondente laico  
e logo passam às súplicas e aos subornos.  
Os cemitérios são repartições públicas.  
Por isso não há respostas.  
Há noites mal dormidas pelas razões erradas.  
Esta noite a cama tremeu três vezes. Os teus balbucios  
na minha boca. A tua pele húmida. Sou o teu epitáfio?  
A família e os demais continuam a acorrer aos balcões  
sem os formulários preenchidos.  
Os mortos já não pertencem às respostas.  
Qualquer adjetivo apodrece como as flores.  
Qualquer frase se decompõe sem sujeito.  
Sou apenas uma tatuagem na tua campa.  
No princípio era o fim.

## A MORTE DOS ANJOS

*para o Joni*

Foram as larvas (pensa ela).  
Enchiam o carro  
e guavas entre as asas  
com os olhos cheios de borboletas.  
Depois ficámos com o cheiro a naftalina.  
Foi um presságio (diz-me várias vezes).  
Agora não há asas que se agitem  
diante dos teus olhos.  
A morte dos anjos faz parte deste processo  
contra a inocência.  
A naftalina também.  
O mesmo peso quando se evaporam  
desce sobre os ombros  
carregados de tangerinas.  
Estendemos um gomo a um pobre  
e ele ri-se na nossa cara  
como se a eternidade fosse essa gargalhada  
que fede a naftalina.  
Os ombros desmoronam como uma árvore  
deitada abaixo por um temporal.  
uma árvore que resistiu a tudo:  
sussurrávamos entre os ramos  
e os segredos de infância,  
antes das larvas e da naftalina.  
Subitamente um casulo, uma outra data



aposta ao nascimento por um traço de união.  
Que se foda. Não dou um cêntimo contra a inocência.  
Se és deus, ressuscita os anjos. Eu cá em baixo  
não espero peva a não ser um pouco de pudor da tua parte.  
Mas continuas a exhibir o sofrimento das larvas,  
da tua mãe santíssima, dos teus pregos a escorrerem  
sangue, um sangue que é puro desperdício.  
Se ao menos fosses dador universal.  
Eu e ela só tínhamos borboletas nos olhos  
e pensávamos que os anjos nos guiavam:  
mas eram só diplomas de médicos espetados  
contra o vidro, só batas sujas de presságios.



Ofícios do mundo	9
Menos razões que aves: Iraque	10
Carícia divina	11
Violação e fuga	12
O cão que me tinha	13
A sono solto	14
Parábola dos talentos	15
Caminhos que não levam a nada	17
Terra vertida onde menos	18
Sabotagem ferida	19
Animais da terra	20
Receituário para as almas	21
Riso sobre a erva	22
Dia dos mortos	23
Trocar de sangue	24
Caixa de aforro	25
Água mole em pedra dura	26
As vespas de Palermo	27
Menos um	28
Só os gatos	29
More is less	30
A preto e branco	31

<i>Sub specie æternitatis</i>	32
Prova da existência da alma	33
Porcelana imaculada	34
Striptease (Cartagena)	35
À beira da janela	36
Seu a seu dono	38
Decomposição das almas	39
A alma na boca dos animais	40
Arca de Noé	41
Crescei e multiplicai-vos	42
A lógica pode ser uma madalena	43
Via Sacra	45
Sem livro de reclamações	47
A morte dos anjos	48



# **GADO DO SENHOR**

foi composto e paginado por Pedro Serpa cabendo a montagem, impressão e acabamentos à Editorial Minerva; Rua da Alegria, 30 — 1250-007 Lisboa

Abril de 2011

DEPÓSIO LEGAL N.º 325 614/11

ISBN 978-989-8150-31-8





















